

ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS DA APOCALÍPTICA

Historical and Social Aspects of Apocalyptic

Ângelo Vieira da Silva

revavds@gmail.com

Mestre em Ciências da Religião, Faculdade Unida de Vitória
Bacharel em Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie e
Seminário Teológico Presbiteriano Rev. Denoel Nicodemos Eller

RESUMO

Com o intuito de expor o conteúdo da apocalíptica com suas particularidades histórico-sociais, este artigo propõe um olhar para tal literatura a partir de dois aspectos constituintes fundamentais: literatura apocalíptica como resultado de perseguição e literatura apocalíptica como composição de diversas fontes.

Palavras-chave: Apocalíptica — perseguição — fontes.

ABSTRACT

With the purpose to expose the contents of apocalyptic with its historical and social particularities, this paper proposes a look at such literature from two fundamental constituents aspects: apocalyptic literature as a result of persecution and apocalyptic literature as the composition of different sources.

Keywords: Apocalyptic — persecution — sources.

Introdução¹

“A apocalíptica combina alusões a um grande espectro de fontes” (John J. Collins).

Mesmo que as origens da apocalíptica sejam aparentemente obscuras², a busca por fontes de pesquisa para esse artigo corrobora com um posicionamento de John J. Collins³: definitivamente, há uma quantidade extraordinária de literatura acadêmica que se devotou à busca pelas origens da apocalíptica e ao entendimento de que um apocalipse não é simplesmente um gênero conceitual da mente, mas

¹ Este texto é continuidade do artigo “Aspectos histórico-literários da apocalíptica”, publicado em *Oracula*, v. 10, n. 15, p. 61-73, 2014, disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/viewFile/5756/4645>.

² RUSSELL, David Syme. *Desvelamento divino*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 7.

³ Professor de crítica e interpretação do Antigo Testamento na Faculdade de Divindade de Yale, EUA. Pesquisador nas áreas de apocalíptica, sabedoria, judaísmo helenístico, manuscritos do Mar Morto, textos hebraicos e obras do período do Segundo Templo.

é gerado por circunstâncias sociais e históricas.⁴

Note: a apocalíptica é resultado de tais circunstâncias como um “Panfleto ou Memorial para a época”⁵. A importância dessa afirmação está na contribuição indiscutível de tais momentos para a formação do gênero literário. É possível afirmar que na denominada Antiguidade tardia, a partir do século III a.E.C. (antes da Era Comum), já existia uma tradição de ideias apocalípticas⁶, mesmo que não se possa afirmar “que a apocalíptica mais antiga seja fruto único de uma reação contra o helenismo”⁷.

É indispensável, portanto, conhecer as circunstâncias típicas, histórico-sociais, que formaram a literatura apocalíptica, pois os textos desse gênero partilham “um grupo significativo de características que o distinguem de outras obras”⁸. Em tese, as informações obtidas em pesquisa foram condensadas em dois aspectos constituintes fundamentais: (1) uma literatura resultante de perseguição e (2) uma literatura composta por diversas fontes. Define-se o primeiro deles a seguir.

Uma literatura resultante de perseguição

É intrincado o caminho que conduz o pesquisador às origens histórico-sociais da literatura apocalíptica. Considerando o sentido do apocalipticismo⁹, o termo “apocalíptica”

denota um tipo de literatura que surgiu na época das lutas de Israel contra as potências ocupantes. É, portanto, uma forma de literatura de perseguição, que buscava garantir a seus leitores que Deus ainda estava no controle da história humana e que, apesar dos reveses experimentados por seu povo, seu império seria vitorioso no final.¹⁰

⁴ Ainda que se tenha poucas informações sociológicas sobre os movimentos que produziram a literatura apocalíptica judaica, segundo COLLINS, John J. *A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 43, 46; e COLLINS, John J. (ed.). *Apocalypse: The Morphology of a Genre. Semeia: An Experimental Journal for Biblical Criticism*, n. 14, p. 21, 1979.

⁵ RUSSELL, 1997, p. 35.

⁶ BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 231; RUSSELL, 1997, p. 5.

⁷ Em virtude de dispormos de um corpo de escritos enóquicos cuja composição pode ser datada meio século antes da revolta dos macabeus e também anterior à composição do apocalipse canônico de Daniel, de acordo com BARRERA, 1999, p. 232, 233-234 e STONE, Michael E. *Select Studies in Pseudepigrapha & Apocripha with Special Reference to the Armenian Tradition*. Leiden: Brill Academic Pub., 1991, p. 194.

⁸ COLLINS, 2010, p. 21.

⁹ O apocalipticismo judaico não está simplesmente restrito à Palestina, mas o seu foco geográfico, sem dúvida, encontra-se nessa região. O perfil de sua cosmovisão deve ser precipuamente entendido como reflexo da história socioeconômica e política do judaísmo do período helenístico-romano, segundo STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do proto-cristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo; São Leopoldo: Paulus; Sinodal, 2004, p. 173.

¹⁰ FITZMYER, Joseph A. *101 perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 60.

Ainda que seja sugerido que o desenvolvimento apocalíptico não seja o resultado inevitável de determinadas circunstâncias sociais¹¹, a origem histórica desse gênero literário remonta a um ambiente de perseguição (até violenta¹²), revoltas, contextos de crise, adversidade, hostilidades, sofrimento, calamidades, guerras, enfim, acontecimentos que impactaram a configuração da vida, religião e pensamento judaicos; um ambiente que, certamente, pode remontar ao já citado século III a.E.C, período que marca o auge da intitulada “escatologização da história”¹³ e surgimento da denominada “Literatura de Resistência”.¹⁴

Entre os ptolomeus no Egito e os selêucidas na Síria, a época mencionada possibilita uma “ampla visão da crise religiosa-política vivida pelo povo hebraico nos tempos da helenização ou paganização de Israel durante o domínio dos herdeiros políticos de Alexandre Magno”¹⁵. Daí a importância de se reconhecer “a fecunda e brilhante literatura que narra de forma dramática e corajosa esse período [...], sofrimentos e esperanças”.¹⁶

Se George W. E. Nickelsburg¹⁷ afirma que a maior parte da literatura que mais tarde se tornaria as escrituras canônicas do povo judeu já havia sido redigida nessa época¹⁸, até a metade do terceiro século não se tinha conhecimento de um escrito apocalíptico *sui generis*¹⁹. Porém, os novos combates²⁰ que sobrevinham a Israel e, conseqüentemente à sua religião, o judaísmo, ressuscitaram as predições apocalípticas diante das

mudanças fundamentais e de longo alcance [que] abalaram o povo judeu durante esses séculos. O império persa caiu. As vitórias de Alexandre trouxeram a língua e a cultura gregas para o oriente. A perseguição dos judeus pelo rei macedônio, Antíoco IV Epífanes, testou o caráter da fé judaica e ameaçou exterminar a religião. Após um breve período de

¹¹ BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (org.). *Comentário bíblico*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 20.

¹² ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *Apocalipse: a força da esperança – estudo, leitura e comentário*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 317.

¹³ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 173. Para tanto, indico o texto “Reações à destruição do Segundo Templo”, em STONE, 1991, p. 429-438.

¹⁴ Ver HELYER, Larry R. *Exploring Jewish Literature in the Second Temple Period: a Guide for New Testament Students*. Madison: Inter Varsity Press, 2002, p. 148-179.

¹⁵ DIAS, Geraldo J. A. Coelho. *As religiões da nossa vizinhança: história, crença e espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Departamento de História e de Ciências e Técnicas do Patrimônio, 2006, p. 346.

¹⁶ COSTA, Hermisten Maia Pereira. *A literatura apocalíptico-judaica*. São Paulo: CEP, 1992, p. 16.

¹⁷ Especialista em literatura do Segundo Templo e professor emérito na Universidade de Iowa, EUA, no Departamento de Estudos da Religião.

¹⁸ NICKELSBURG, George W. E. *Literatura judaica, entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 29.

¹⁹ Expressão latina que significa “de seu próprio gênero”, isto é, que não apresenta analogia com nenhuma outra literatura.

²⁰ Uma breve e excelente visão sobre os eventos históricos que abarcaram tal época pode ser encontrado em ROST, L. *Introdução aos livros apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 27-40.

independência, a Palestina se curvou à soberania de Roma. Nova agitação trouxe revolta. A Palestina foi devastada, Jerusalém foi saqueada e o Templo foi destruído.²¹

Dentre todas essas terríficas circunstâncias, não há dúvida de que o reinado de Antíoco é decisivo para o entendimento da literatura apocalíptica. Segundo Russell, foi nessa época precisamente que a apocalíptica emergiu (175 a 163 a.E.C.)²², como resultado à violência e ira do imperador Antíoco IV Epifanes²³ sobre os judeus,

proibindo a circuncisão, a guarda do sábado, a posse e leitura da Torah, sendo punido com a morte quem a possuísse, lesse ou mesmo demonstrasse interesse pela mesma; profanou e saqueou o templo, transformando-o numa casa do Júpiter Olímpico [...] realizando ali verdadeiros bacanais [...]. Devido a algumas supostas semelhanças entre suas próprias características e a tradicional reapresentação de Zeus, ele passou a se apresentar como o próprio Zeus em pessoa, erigindo a sua imagem como de Zeus no templo de Jerusalém, oferecendo uma porca no templo e ordenando que todos os judeus oferecessem sacrifícios aos deuses gregos, inclusive nas cidades circunvizinhas. A recusa em obedecer ao decreto real gerou a morte de muitos [...].²⁴

Nesse contexto, como poderosa retórica de denúncia contra as tiranias do mundo e seus totalitarismos²⁵, bem como uma exortação de perseverança aos leitores²⁶, como a resposta da fé²⁷, a literatura apocalíptica tornou-se

a expressão de uma corrente de inconformismos diante da sociedade, pela qual [apresentou] uma visão crítica própria de movimentos de protesto que têm a necessidade urgente de mudar e renovar o mundo. [Criticaram] com todas as forças os feitos políticos, [viram] a história “por trás”. Mas, embora possivelmente determinista e pessimista, sua visão do futuro é basicamente de esperança, porque confia na intervenção divina.²⁸

²¹ NICKELSBURG, 2011, p. 29.

²² RUSSELL, David Syme. *Apocalyptic: Ancient and Modern*. Filadélfia: Fortress Press, 1978, p. 3; STONE, 1991, p. 185 e 419.

²³ Antíoco IV era conhecido como “Theos Epifanes” (“deus manifesto”), porém apelidado por seus subalternos de “Epimanes” (“o louco”). Antíoco, no afã de helenizar os judeus, se envolveu nos negócios da Palestina, substituindo o zeloso e fiel sumo sacerdote judeu, Onias III, pelo irmão desse, Jasão, e, três anos depois, por Menelau. Informações segundo COSTA, 1992, p. 19. Recomendo também a leitura de BLANK, Renold J. *Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus – Escatologia II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 41-43.

²⁴ COSTA, 1992, p. 20-21. Para mais detalhes ler 1 Macabeus 1.29-64, 60-61; 1 Macabeus 2.32-39; 2 Macabeus 5.14, 16, 21; 2 Macabeus 6.1-4, 7-8, 10-11; 18 ss.; 2 Macabeus 7.1 ss.

²⁵ ARENS; MATEOS, 2004, p. 325.

²⁶ OTZEN, Benedikt. *O judaísmo na antiguidade: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 207.

²⁷ Um conjunto de circunstâncias provocou uma situação em que o novo tipo de escrita poderia florescer, de acordo com MORRIS, Leon. *Apocalyptic*. 2nd ed. London: Inter-Varsity Press, 1973, p. 28.

²⁸ ARENS; MATEOS, 2004, p. 95.

Não é por acaso que em textos apocalípticos surge um pouco da “coragem judaica e cristã de perceber e expressar sem retoques toda a realidade humana. Pois [...] assumem os medos, nomeiam sua causa na história e indicam sua solução como caminho”²⁹. A exemplo do primeiro livro de Enoque, essencialmente apocalíptico, a obra surgiu em meio às perseguições no chamado período intertestamentário ✕ por isso os textos dessa época serem conhecidos como escritos intertestamentários ✕ como resultado e contribuição de muitas fontes.

Uma literatura composta por diversas fontes

De onde surgiu a apocalíptica? A resposta não é unânime, mas diversificada dependendo do foco: judaico, persa, babilônico ou greco-romano³⁰. O objetivo nesse sub-tópico é avaliar as diversificadas proposições dos especialistas e verificar se, de fato, a apocalíptica pode ser compreendida como uma literatura resultante de diversas fontes, preterindo o conceito de uma única fonte específica fundamentá-la.

Muitos eruditos sugerem que a literatura apocalíptica surgiu da linguagem sapiencial³¹. Exemplos seriam os livros da Sabedoria de Salomão ou o canônico de Daniel³². Considerando a forma, linguagem e ideias sapienciais³³, de fato, os apocalipses apresentam em parte um tipo de sabedoria na medida em que eles

primeiro, oferecem uma compreensão da estrutura do universo e da história e, segundo, entendem que a compreensão correta é o pré-requisito da ação correta. Essa sabedoria, no entanto, não é do tipo indutivo, como encontramos em Provérbios ou Sirácida, mas é adquirida através da revelação. [Conclui-se.]³⁴

Outros apontam sua origem cronológica no profetismo bíblico³⁵. O inglês Robert Henry Charles (1855-1931), especialista em tradução de apócrifos e pseudoepígrafos, considerou que profecia e apoca-

²⁹ BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 357.

³⁰ Para mais informações ver COLLINS, 2010, p. 52-66.

³¹ Como Gustav Holscher e Gerhard von Rad, citados por KNIBB, Michael Anthony. *Essays of the Book of Enoch and Other Early Jewish Texts and Traditions*. Danvers: Brill Academic Pub., 2009, p. 25-26; OTZEN, 2003, p. 221-224; ENNS, Peter; LONGMAN III, Tremper (ed.). *Dictionary of the Old Testament: Wisdom, Poetry & Writings*. Madison: Inter Varsity Press, 2008, p. 850-851. A posição de Gerhard von Rad pode ser encontrada em sua própria obra *Old Testament Theology*. Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001. v. 1, p. 12, 27, 301-308 e 451. O efeito frutífero da proposta de von Rad foi reconduzir a atenção àqueles aspectos do apocalipses que são cosmológicos e especulativos, em vez de escatológicos, conforme COLLINS, 2010, p. 45.

³² É interessante observar que o livro do profeta Daniel na Bíblia Judaica se encontra entre os escritos sapienciais.

³³ BOCCACCINI, Gabriele; COLLINS, John J. *The Early Enoch Literature*. Danvers: Brill Academic Pub, 2007, p. 140, 161.

³⁴ COLLINS, 2010, p. 45.

³⁵ Uma explicação precisa sobre as diferenças entre o profeta e o apocalíptico pode ser encontrada em ARENS; MATEOS, 2004, p. 117, 127-129. Para um tratado profundo sobre a ligação entre profecia e apocalíptica ver a obra de GRABBE, Lesser L.; HAAK, Robert D. *Knowing the End from the Beginning: the Prophetic, the Apocalyptic and their Relationships*. London: T & T Clark International, 2003, p. 109-166.

líptica empregaram os mesmos métodos. Hanson vê que a autoidentificação dos protagonistas da apocalíptica com a tradição profética clássica é um dos fatores primários para o desenvolvimento do gênero³⁶. Porém, estabelece a tese que a escatologia profética se desfaz quase totalmente na apocalíptica, visto que “torna-se apocalíptica tão logo não se observe a tarefa de traduzir a visão cósmica em categorias da realidade terrena”³⁷. Se

originalmente os ditos proféticos eram formulados de forma sucinta e rítmica, mais tarde eles se tornariam mais extensos, e, por fim, se transformam inclusive em prosa elevada. Na Apocalíptica esse processo chegou a um auge: ela quase não mais anuncia em forma oral, mas sim em forma escrita. Essa é uma diferença essencial, que, no entanto, não surgiu repentinamente, mas aos poucos.³⁸

Nessa percepção, a literatura apocalíptica ou é julgada como “profecia num novo idioma”³⁹, ou é avaliada como a “sucessora da profecia”⁴⁰, sua cria⁴¹, sua filha.⁴²

Adaptando os conceitos de sabedoria e profecia, esses caracteres levaram alguns a ver na apocalíptica uma derivação da literatura sapiencial, embora conservando fortes conotações proféticas⁴³. Outros, porém, é proposto ainda que seu material provenha de outros âmbitos de tradição⁴⁴, da antiga mitologia cananita⁴⁵, ou até mesmo do zoroastrismo.⁴⁶

Muitos estudiosos da literatura apocalíptica sugerem a ausência de conexões primárias com o judaísmo e apontam a progênie da apocalíptica no dualismo persa tal como registrado em seu livro sagrado, o Avesta, sustentando-se no conflito entre Ahura Mazda e Ahriman, seguidamente o criador do

³⁶ BOCCACCINI; COLLINS, 2007, p. 2, 7.

³⁷ GRADL Felix; STENDEBACH, Franz Josaef. *Israel e seu Deus*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 177. É preciso considerar a cessação da profecia como um fator decisivo para o surgimento da apocalíptica, segundo ROLDAN, Alberto Fernando. *Escatologia: uma visão integral desde América Latina*. Buenos Aires: Kairós, 2002, p. 68.

³⁸ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 446.

³⁹ COSTA, 1992, p. 49.

⁴⁰ GUNNEWEG, Antonius H. *Hermenêutica do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 121; COLLINS, 1997, p. 6.

⁴¹ COLLINS, 2010, p. 43.

⁴² BOCCACCINI; COLLINS, 2007, p. 140.

⁴³ LEXICON – DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. São Paulo: Loyola, 2003, p. 39.

⁴⁴ STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 172.

⁴⁵ Posição defendida por Hanson, segundo COLLINS, 1979, p. 21 e OTZEN, 2003, p. 220.

⁴⁶ GRABBE; HAAK, 2003, p. 33; GONZALES, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: do início até o Concílio de Calcedônia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. v. 1, p. 47.

bem e o espírito do mal⁴⁷, com influências fortemente pós-helenistas⁴⁸. Hanson, por sua vez, ressalta que a fonte rastreada mais comum para a origem da apocalíptica é o dualismo persa, com fortes influências helenísticas⁴⁹. Recorda-se que

os israelitas da época pós-exílica foram súditos persas, tanto na pátria palestinese quanto no estrangeiro, durante dois séculos, de Ciro até Alexandre, o Grande. Assim, contatos com a religião iraniana são bem possíveis. Conceitos surgidos no período tardio do AT, como reino de Deus, ressurreição, juízo mundial e angelologia, são familiares à religião persa. Porém, é difícil definir a idade precisa das concepções iranianas. Também não há como demonstrar, de modo inequívoco, que o ideário do AT dependa delas. Em todo caso, há certas semelhanças, talvez estímulos, e talvez também a adoção de determinados motivos isolados.⁵⁰

Por outro lado, é estranho pensar que se a apocalíptica é “cria da profecia, ela é legítima; se for importada da Pérsia, não é autenticamente bíblica. Essa lógica é patentemente defeituosa”⁵¹. Deve-se ressaltar que mais numerosos são os textos da literatura apocalíptica judaica extra-bíblica. Foi, por isso, que se tornou autônoma quanto a qualquer tentativa de sincretismo, desenvolvendo-se no pós-exílio tardio, durante a tentativa de fazer degenerar a religiosidade hebraica⁵². Em suma, “o que quer que tenha sido tomado do apocalípticismo persa foi rigorosamente modificado e integrado a outras correntes de pensamento”, conclui-se.⁵³

A partir dessas pressuposições observa-se que é extremamente difícil argumentar que a apocalíptica tenha surgido de uma única fonte, como se houvesse uma matriz completa ou suficiente da qual tenha se utilizado para o surgimento do gênero. Tal gênero não pode ser confinado a uma única cultura ou tradição religiosa⁵⁴. Afinal, a

⁴⁷ O que não pode ser de todo desconsiderado, segundo COLLINS, 2010, p. 43-44; 52-61; OTZEN, 2003, p. 219; SANDY, D. Brent; O’HARE, Daniel M. *Prophecy and Apocalyptic: An Annotated Bibliography*. Michigan: Baker Academic, 2007, p. 201. Sugere-se que o primeiro exemplo registrado de fé apocalíptica encontra-se no Avesta, as escrituras sagradas do Império Persa que estão disponíveis em inglês no site: <<http://avesta.org>> Acesso em: 22 jul. 2012. O Avesta relata a visão do profeta iraniano Zoroastro (1200 e 1500 a.E.C.), na qual ele viu o Espírito da Destruição confrontar o Deus bom. Na ocasião ele predisse uma grande transformação e julgamento de toda a humanidade, o que decorreria da tal batalha entre os deuses na qual apenas os justos haveriam de sobreviver. Informação conforme BRODY, David Eliot; BRODY, Arnold R. *As sete maiores descobertas científicas da história*. São Paulo: Schwarcz, 2006, p. 211. Para mais detalhes sobre o tema ver o profundo artigo de SOARES, Dionísio Oliveira. As influências persas no chamado judaísmo pós-exílico. *Revista Theos*, v. 5, n. 2, 2009; e BLANK, 2008, p. 39-40.

⁴⁸ BOCCACCINI; COLLINS, 2007, p. 4; BERGER, Klaus. *Formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984, p. 140; PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 286.

⁴⁹ HANSON, Paul D. *The Dawn of Apocalyptic: the Historical and Sociological Roots of Jewish Apocalyptic Eschatology*. Revised Edition. Philadelphia: Fortress Press, 1989, p. 5-6.

⁵⁰ SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 454.

⁵¹ COLLINS, 2010, p. 44, 18

⁵² LEXICON, 2003, p. 39.

⁵³ COLLINS, 2010, p. 61.

⁵⁴ COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and Eschatology in Jewish and Christian Apocalypticism*. Boston: Brill Academic Pub., 2000, p. 6.

natureza intrínseca das composições apocalípticas tardias só podem ser compreendidas pelas cópias desenvolvidas ao longo dos séculos através das quais a escatologia apocalíptica desenvolveu-se a partir da profecia e outras raízes nativas ainda mais arcaicas.⁵⁵

Aparentemente, a apocalíptica teria surgido no período pós-exílico, quando o povo de Israel retornou à sua terra, por volta de 586 a.E.C. A partir daí a literatura progrediu, combinando alusões de uma ampla série de fontes, mesmo que não correspondendo à estrutura e ao conteúdo da profecia clássica, por exemplo⁵⁶. Ela é fruto, em grande parte, da tensão entre as duas tendências do judaísmo pós-exílico, hierocrática e visionária⁵⁷. Não obstante, sugere-se que algumas porções dos livros proféticos pós-exílicos possam ser classificadas como protoapocalípticas⁵⁸ em virtude de suas contribuições⁵⁹, tais como Isaías 24-27, Isaías 56-66, Zacarias 9-14, Joel 3-4 e Malaquias 3-4.

Adicionando aos textos anteriores, parte⁶⁰ do livro canônico de Daniel⁶¹, capítulos sete a doze, é visto como o início da literatura apocalíptica para os judeus⁶². Outras obras que remetem a apocalíptica são porções do primeiro livro de Enoque, quarto livro de Esdras, segundo livro de Baruc (secretário de Jeremias), Apocalipse de Abraão, Sofonias, Salmos de Salomão, Ascensão de Moisés, Testamentos dos Doze Patriarcas e muitas outras que se assemelham a essas.

Portanto, a apocalíptica não pode ser remetida diretamente a um único movimento ou fonte. Suas origens são um desenvolvimento ao longo dos séculos, através da escatologia, a partir do profetismo e outras raízes antigas. Sem dúvida, uma literatura composta por um “grande espectro de fontes”⁶³ e repleta de um conteúdo investigável. Esse último, assunto para um próximo artigo.

⁵⁵ Para mais detalhes sobre as distinções entre Profecia e Escatologia apocalípticas ver HANSON, 1989, p. 6, 10-31; e SANDY; O'HARE, 2007. Resumidamente, a escatologia profética é o anúncio dos planos divinos para Israel e o mundo, os quais o profeta, com seu insight no conselho divino de Yahweh, traduz nos termos de história simples, política real e instrumentalidade humanas. Por outro lado, a escatologia apocalíptica é a revelação ao leito da visão profética da soberania de Yahweh, cuja visão os visionários deixaram de traduzir nos termos de história simples, política real e instrumentalidade humanas por causa de uma visão pessimista da realidade que se origina das lúgubres condições pós-exílicas. Em NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. (org.). *Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 90.

⁵⁶ BERGANT; KARRIS, 2001, p. 42.

⁵⁷ BARRERA, 1999, p. 241. Mais detalhes em STONE, 1991, p. 187.

⁵⁸ GRABBE; HAAK, 2003, p. 51.

⁵⁹ BERGANT; KARRIS, 2001, p. 42.

⁶⁰ Digo “parte” em virtude dessas obras possuírem outras formas literárias em seu escopo. Daniel, por exemplo, justapõe contos entre os capítulos 1 e 6.

⁶¹ Alguns estudiosos sugerem que possa ter sido escrito por volta do século II a.E.C.. Para alguns, Daniel marca o fim do profetismo e o ato de nascença da apocalíptica, como descrito em LEXICON, 2003, p. 171.

⁶² DUE, Willian J. La. *O guia trinitário para a escatologia*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 167; e EATON, John. *Misteriosos mensageiros: curso de profecia hebraica*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 184.

⁶³ COLLINS, 2010, p. 44.

Considerações finais

O desfecho desse artigo partilha do encanto por uma literatura judaica tão ampla e proporcionadora de inúmeras descobertas. Sem dúvidas, aquela coragem judaica de perceber e expressar sem retoques a realidade humana aponta para os tempos de crise, de perseguições vividas por aquele povo. Eis um gênero desenvolvido ao longo de séculos e de inúmeras raízes antigas.

Que esse rico conteúdo continue na mira da investigação de pesquisadores dedicados. Afinal, artigos como esse precisam incentivar mais pesquisas sobre esse movimento do passado que necessita ser muito mais evidenciado, esclarecido e revelado em nossos dias.

Referências bibliográficas

ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *Apocalipse: a força da esperança – estudo, leitura e comentário*. São Paulo: Loyola, 2004.

BARRERA, Julio Trebolle. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. (org.). *Comentário bíblico*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

BERGER, Klaus. *Formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1984.

_____. *Hermenêutica do Novo Testamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BLANK, Renold J. *Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus – escatologia II*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BOCCACCINI, Gabriele; COLLINS, John J. *The Early Enoch Literature*. Danvers: Brill Academic Pub., 2007.

BRODY, David Eliot; BRODY, Arnold R. *As sete maiores descobertas científicas da história*. São Paulo: Schwarcz, 2006.

COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and Eschatology in Jewish and Christian Apocalypticism*. Boston: Brill Academic Pub, 2000, p. 6.

COLLINS, John J. (ed.). *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. *Semeia: an Experimental Journal for Biblical Criticism*, n. 14, 1979.

_____. *A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010.

COSTA, Hermisten Maia Pereira. *A literatura apocalíptico-judaica*. São Paulo: CEP, 1992.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. *As religiões da nossa vizinhança: história, crença e espiritualidade*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Departamento de História e de Ciências e Técnicas do Patrimônio, 2006.

DUE, Willian J. La. *O guia trinitário para a escatologia*. São Paulo: Loyola, 2007.

FITZMYER, Joseph A. *101 perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Loyola, 1997.

GONZALES, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: do início até o Concílio de Calcedônia*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004. v. 1.

GRABBE, Lesser L.; HAAK, Robert D. *Knowing the End from the Beginning: the Prophetic, the Apocalyptic and their Relationships*. London: T & T Clark International, 2003.

GRADL Felix & STENDEBACH, Franz Josaf. *Israel e Seu Deus*. São Paulo: Loyola, 2001;

HANSON, Paul D. *The Dawn of Apocalyptic: the Historical and Sociological Roots of Jewish Apocalyptic Eschatology*. Revised Edition. Philadelphia: Fortress Press, 1989.

HELYER, Larry R. *Exploring Jewish Literature in the Second Temple Period: a Guide for New Testament Students*. Madison: Inter Varsity Press, 2002.

KNIBB, Michael Anthony. *Essays of the Book of Enoch and Other Early Jewish Texts and Traditions*. Danvers: Brill Academic Pub., 2009.

LEXICON – DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. São Paulo: Loyola, 2003.

MORRIS, Leon. *Apocalyptic*. 2nd ed.. London: Inter-Varsity Press, 1973.

NICKELSBURG, George W. E. *Literatura judaica, entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária*. São Paulo: Paulus, 2011.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de S. (org.). *Religião de visionários: apocalíptica e misticismo no cristianismo primitivo*. São Paulo: Loyola, 2005.

OTZEN, Benedikt. *O judaísmo na antiguidade: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o Imperador Adriano*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

ROLDAN, Alberto Fernando. *Escatología: uma vision integral desde América Latina*. Buenos Aires: Kairos, 2002.

ROST, L. *Introdução aos livros apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento e aos Manuscritos de Qumran*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

RUSSELL, David Syme. *Apocalyptic: Ancient and Modern*. Filadélfia: Fortress Press, 1978.

_____. *Desvelamento divino*. São Paulo: Paulus, 1997.

SANDY, D. Brent; O'HARE, Daniel M. *Prophecy and Apocalyptic: an Annotated Bibliography*. Michigan: Baker Academic, 2007.

SCHMIDT, Werner H. *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SOARES, Dionísio Oliveira. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *Revista Horizonte*, v. 7, n. 13, 2008

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do proto-cristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo; São Leopoldo: Paulus; Sinodal, 2004.

STONE, Michael E. *Select Studies in Pseudepigrapha & Apocripha with Special Reference to the Armenian Tradition*. Leiden: Brill Academic Pub, 1991.

VON RAD, Gerhard. *Old Testament Theology*. Kentucky: Westminster John Knox Press, 2001. v. 1.